

O silêncio das notificações

Sou uma aluna comum, filha única, acostumada a dividir meus dias com livros (digitais ou não), filmes, séries e músicas, que me acompanham a qualquer hora. O celular, confesso, é quase uma extensão de mim: é despertador, agenda, caderno, diversão e até companhia. No TikTok, passo tanto tempo que, às vezes, perco a noção das horas; nos aplicativos de leitura, descubro histórias; nas músicas, encontro um lugar para cada sentimento e emoção que sinto. Esses foram um dos milhares de pensamentos que tenho antes de dormir. Até que um dia acordei em um mundo diferente, um universo onde ninguém sabia o que era celular.

A primeira coisa estranha aconteceu logo cedo. Estendi a mão para desligar o alarme e não encontrei o aparelho. Procurei no criado-mudo, embaixo do travesseiro, até dentro do guarda-roupa, como se por um milagre ele tivesse se escondido ali. Nada. Desci para a cozinha, ainda sonolenta, e perguntei:

– Mãe, você viu meu celular? Acho que o perdi.

Ela, entre um gole de café e as páginas do jornal impresso, olhou-me de um jeito como se me achasse que eu estivesse louca:

– Celular? Que palavra é essa, filha?

– Como assim, mãe? O celular! Aquele aparelho que desperta, que tem tela, que dá para assistir a vídeos...

Meu pai, rindo, do canto da mesa, disse:

– Você anda sonhando demais. Vai acabar acreditando nas suas invenções.

Insisti:

– Não é invenção! Todo mundo tem um... ou deveria ter.

Eles riram, balançaram a cabeça e voltaram ao café da manhã, como se eu estivesse contando uma história de ficção científica. Fiquei imaginando como se sentia Júlio Verne ao escrever suas obras.

Na escola, a sensação de ser a única “diferente” só aumentou. Quando a professora começou a encher o quadro de fórmulas, levantei a mão e perguntei:

– Professora, posso tirar uma foto do quadro?

Ela arregalou os olhos, confusa:

– Tirar uma foto? Quer dizer que vai fazer um desenho?

A turma inteira caiu na risada. Um colega gritou: “Ela vai pintar o quadro e levar pra casa!”.

Corei, sem saber como explicar. Depois, no intervalo, tentei falar com uma amiga:

– Olha, existe um aplicativo chamado TikTok, sabe? Ele mostra vídeos engraçados, músicas, danças...

Ela me interrompeu:

– Você inventa umas coisas tão sem sentido. Melhor vir jogar vôlei com a gente.

Enquanto isso, percebia que ninguém parecia sentir falta de algo “a mais”. Todos conversaram “cara a cara”, riam alto, divertiam-se em jogos no pátio. O tempo corria mais devagar, e eu ficava dividida entre a saudade do meu mundo digital e a curiosidade por aquele mundo novo, silencioso, sem notificações.

À noite, de volta para casa, ainda incomodada, sentei à mesa. Meu pai contava histórias de quando era jovem, minha mãe insistia para que eu lesse um livro em papel, e eu só conseguia pensar: “como eles vivem sem música de fundo, sem filmes em casa, sem mensagens?”.

– Você está diferente hoje, filha – disse minha mãe. – Parece preocupada.

– É que estou imaginando um mundo sem celular. – Respondi, meio sem jeito.

Ela sorriu e falou:

– Talvez o mundo seja mais simples do que você pensa.

As palavras dela ficaram ecoando em mim. A verdade é que viver sem celular seria possível, mas exigiria renunciar a muitas coisas. Eu sentiria falta das séries, da música, das conversas rápidas. Porém, também percebi que talvez eu perdesse muito tempo presa a uma tela e deixasse passar coisas que estavam bem à minha frente.

No fim, compreendi algo importante: o celular é essencial, mas não pode ser o centro da vida. Ele é uma ferramenta, não o nosso coração. Talvez o segredo seja equilibrar. Nem viver só conectado ou completamente desplugado. Afinal, às vezes é no silêncio das notificações que encontramos as vozes que realmente importam.

Depois dessa situação que vivi, aprendi a respeitar meus sonhos e desejos. Vi um mundo totalmente diferente, uma espécie de multiverso mais silencioso e mais humano, onde o diálogo prevalece e as pessoas se respeitam.

Sempre dizem que o celular nos faz estar conectados e eu realmente me sentia assim; vivenciar minha rotina sem ele me fez ver o real significado de conexão: relacionar-se com as pessoas, discutir ideias e pensamentos e me encontrar com a minha melhor versão.